

CIÊNCIA POLÍTICA

GT 5: TEORIA E PENSAMENTO

Sessão 2: Teoria Política

**AS TRÊS IMAGENS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA
FORMULAÇÃO DE UMA TEORIA DE POLÍTICA INTERNACIONAL: UMA
DISCUSSÃO NEORREALISTA**

Paulo Victor Zaneratto Bittencourt – UNESP/Marília
paulovbittencourt@gmail.com

A intenção do trabalho que se propõe é a análise da formulação de uma teoria de política internacional como concebida por Kenneth Neal Waltz (1924-2013), cientista político norte-americano. A partir do livro “man, the state, and war”, em que Waltz propõe a existência de três imagens para análise das relações internacionais, examina-se a construção de um sistema teórico que vise à análise da política internacional, objetivo cumprido pelo autor em “theory of international politics”, obra de 1979 a qual inaugura o que didaticamente se convencionou chamar terceiro debate das teorias de relações internacionais, que contrapõe Waltz, autor neorrealista (ou realista estrutural), a seus críticos. A importância da obra é fundamental para a compreensão das relações internacionais e seus debates, e o trabalho pretendido aqui buscará analisar os fundamentos teóricos da obra em questão, visando a uma melhor compreensão das propostas teóricas do neorrealismo.

Introdução

Kenneth Neal Waltz (1924-2013), cientista político norte-americano, foi um dos grandes nomes das teorias das relações internacionais no século XX, principalmente a partir de 1979, quando do lançamento de seu livro *Theory of international politics*, o que, inclusive, levou a considerações acerca de tal pensador como “o homem que salvou o realismo político no estudo das relações internacionais”¹¹⁹ na ocasião de seu falecimento. Contudo, a reputação de Kenneth Waltz no estudo das relações internacionais já se tornara conhecida, principalmente a partir de 1959, quando o autor lança uma obra menos conhecida, mas igualmente importante, baseada em sua tese de doutoramento: *Man, the state, and war*, onde a grande pergunta feita por Waltz é “o que causa a guerra?”. A partir de tal pergunta, o autor se dispõe a analisar a teoria e a filosofia política ocidentais para buscar a resposta ao seu questionamento, chegando a uma conclusão: as causas da guerra, partindo-se das concepções dos autores analisados, podem-se agrupar sob três imagens: a natureza humana, a estrutura doméstica dos Estados, e o sistema de Estados (sistema internacional, de aqui por diante), o que dá o nome ao livro.

¹¹⁹ Trata-se do artigo de Ian Hall, da Australian National University, cujo título é “Kenneth Waltz, the man who saved realism”. Para consulta do texto, ver: <<http://www.e-ir.info/2013/06/24/kenneth-waltz-the-man-who-saved-realism/>>.

A teoria das imagens das relações internacionais fornecerá, vinte anos depois, o substrato para a formulação da teoria da política internacional que o autor propõe, o que inaugura aquilo que, didaticamente, se convencionou chamar de “terceiro debate” da disciplina de Relações Internacionais, contrapondo Waltz e seu pensamento sistêmico (termo este a ser explicado mais adiante), e seus críticos, buscando o falseamento da teoria.

Dessa maneira, o que pretendemos neste trabalho é, de certa forma, simples, e limitado às ferramentas de que temos uso como estudantes de graduação. Buscaremos, aqui, num primeiro momento estabelecer uma discussão sobre a teoria das imagens de Waltz, em que as explicaremos com suas mais evidentes consequências; depois, nos dedicaremos à distinção que o autor faz entre teorias reducionistas e teorias sistêmicas, objeto de grande preocupação dos quatro primeiros capítulos de sua obra mais importante (*Theory of international politics*). Após tais considerações, dedicar-nos-emos à sua teoria da política internacional, buscando evidenciar como as duas obras citadas até o momento dialogam, ou seja, nos preocuparemos com a lógica interna do pensamento de Waltz; e passaremos a breves considerações finais sobre o autor.

Para tanto, basear-nos-emos grandemente nos dois textos supracitados, além de alguns trechos de outros textos do autor, e, sempre que necessário for, recorreremos aos autores de que fala o próprio Waltz, visando a dar-lhes voz quando da explicitação de seus argumentos pelo cientista político; dessa forma, concluímos que o trabalho se valerá grandemente de uma revisão bibliográfica e se baseará, no que toca seu caráter epistêmico, no positivismo, base comum a Waltz.

O homem, o Estado e a guerra: a teoria das imagens das relações internacionais

No pensamento de Kenneth Waltz, as “imagens” referem-se à maneira como alguém enxerga ou concebe o mundo, sendo, nesse sentido, o ponto de partida para análises sobre a realidade internacional¹²⁰, já que não se é possível enxergar a *política internacional* senão a partir de algum parâmetro de análise. O fenômeno internacional que Waltz se propõe a estudar para propor a sua categorização é justamente a guerra, já

¹²⁰ Ressaltamos “internacional”, porque este é o objeto de preocupação de Waltz, uma vez que o autor se propõe à investigação sobre as causas dos conflitos internacionais.

que este é um fenômeno de grande recorrência na história das relações internacionais (desde quando as unidades políticas ainda não eram “nações” no sentido estrito). Quanto à guerra, afirmará Waltz como um “lugar comum” na introdução de *Man, the state, and war*, ela não tem vencedores, apenas perdedores, de modo que apenas se pode falar de maiores ou menores graus de derrota¹²¹.

Dessa maneira, à pergunta sobre a causa das guerras, Waltz propõe uma resposta que segundo a qual, tais causas se encontram sob três tópicos, que serão as “imagens” de que trata o autor, novamente a saber: a natureza humana, a estrutura interna dos Estados, ou o sistema internacional. Waltz adverte, mais adiante, mas cabe-nos trazer tal advertência para este momento que “within each image there are optimists and pessimists agreeing on definitions of causes and differing on what, if anything, can be diverted” (WALTZ, 2001, p. 19).

A primeira imagem tratará sobre a natureza humana como local onde se encontra a causa da guerra, devido a sua natureza, ou ao seu comportamento. Nesse sentido, os homens tendem a buscar seus interesses, mas esta busca não respeitam sempre as premissas racionais, e os homens não evitarão usar as armas que tiverem às mãos para tal, já que sua natureza é egoísta, belicosa, agressiva:

Man, a self-conscious being, senses his limits. They are inherent. Equally inherent is his desire to overcome them. Man is a finite being with infinite aspirations, a pigmy who thinks himself a giant. Out of his self-interest, he develops economic and politic theories and attempts to pass them off as universal systems; he is born and reared in insecurity and seeks to make himself absolutely secure; he is a man, but thinks himself a god. The seat of evil is self, and the quality of evil can be defined in terms of pride (WALTZ, 2001, p. 21).

Basearão suas análises em tais termos Santo Agostinho, Espinosa e Hans Morgenthau (este último, autor de uma obra muitíssimo importante no estudo das relações internacionais: *Politics among nations, the struggle for power and peace*, que o tornou conhecido como o grande “papa” do realismo). Suas conclusões políticas são baseadas numa dada natureza humana, presumida das observações de tais autores. Peguemos o exemplo de Hans J. Morgenthau, autor com quem temos maior intimidade. Segundo WALTZ (2001, p. 36), “realists have tended to accept the idea of a neat dichotomy between two schools of thought. (...) It is explicit in Morgenthau’s assertion

¹²¹ Interessantíssima é a comparação que Waltz traz entre a guerra e um terremoto: “asking who won a given war, someone has said, is like asking who won the San Francisco earthquake” (WALTZ, 2001, p. 1).

that modern political thought divides into two schools – the utopians (...) and the realists”. De fato, ao buscarmos no artigo citado por Waltz, Morgenthau diz sobre as duas escolas de pensamento que “what sets them apart is not necessarily a matter of practical judgement, but of philosophies and Standards of thought” (MORGENTHAU, 1952, p. 961), indo o autor alemão radicado nos Estados Unidos ainda mais adiante: “the history of modern political thought is the story of a contest between two schools which differ fundamentally in their conception of the *nature of man*, society, and politics” (MORGENTHAU, 1952, p. 961, grifos nossos). De fato, tomando por base a advertência de Waltz de que há, em cada imagem, autores pessimistas e autores otimistas, a dicotomia proposta por Morgenthau está dentro de tal horizonte, sendo os autores idealistas (“utopians”), os otimistas, enquanto os realistas seriam os pessimistas¹²².

Em suma, valendo-nos da voz do próprio Kenneth Waltz, “what the first-image analysts, optimists and pessimists alike, have done is: (1) to notice conflict; (2) to ask themselves why conflict occurs, and (3) to pin the blame on one or a small number of behavioral traits” (WALTZ, 2001, p. 39), de modo que “the evilness of men, or their improper behavior, lead to war; individual goodness, if it could be universalized, would mean peace” (WALTZ, 2001, p. 39).

Já a segunda imagem das relações internacionais diz respeito à estrutura interna dos Estados, suas instituições, formas de governo, e concepções ideológicas, sendo tais características mais ou menos propensas ao conflito. Esta imagem está ligada a crenças generalizantes (e sem validade científica) de que “democracias não vão às guerras”, ou que a extinção do capitalismo extinguiria também as guerras. Esta imagem possui consequências morais: “bons” Estados são aqueles que não vão à guerra; “maus” Estados, sim. A citação que segue é longa, mas necessária para um panorama dos pensadores e da matriz de pensamento da segunda imagem:

Among those who have taken this approach to international relations there is a great variety of definitions. Karl Marx defines “good” in terms of ownership of the means of production; Immanuel Kant in terms of abstract

¹²² É claro, não podemos nos omitir, esta nossa concepção da teoria de Morgenthau é reducionista. Dentro de sua obra mais importante, *Politics among nations*, a ideia de interesse e poder são colocadas o tempo todo, contudo há diversas nuances ao longo de toda a obra (que apresenta mais de trinta capítulos, dispostos em mais de dez partes), que exige um cuidado maior do que o que estamos tendo com a obra. O que pretendemos aqui é a demonstração da teorização de Waltz, e não um estabelecimento das teorias com que ele trabalha em todas as nuances que elas possam ter.

principles of right; Woodrow Wilson in terms of national self-interest and modern democratic organization. Though each definition singles out different items as crucial, all are united in asserting that if, and only if, substantially all states reform will world peace result. That is, the reform prescribed is considered the sufficient basis for world peace. This, of course, does not exhaust the subject. Marx, for example, believed that states would disappear shortly after they became socialist. The problem of war, if war is defined as violent conflict among states, would then no longer exist. Kant believed that republican states would voluntarily agree to be governed in their dealings by a code of law drawn up by the states themselves. Wilson urged a variety of requisites to peace, such as improved international understanding, collective security and disarmament, a world confederation of states. But history proved to Wilson that one cannot expect steadfast cooperation of undemocratic states in any such program for peace (WALTZ, 2001, p. 83-84).

Em tais termos se define a segunda imagem das relações internacionais: mudando-se alguns comportamentos dos Estados, entenda-se de sua estrutura doméstica, os conflitos internacionais (logo, problemas de âmbito *externo*), seriam abolidos como fenômeno. Em suma, a segunda imagem lida com a realidade dos conflitos internacionais a partir do comportamento do Estado, e propõe uma mudança para tal realidade a partir de um “vir a ser” (ou um “dever-ser”), de modo que a paz somente existiria se se mudasse a realidade. Contudo, quanto a qual deveria ser tal mudança, os autores divergem entre si. Se nos direcionarmos, como exemplo, pelo pensamento de Woodrow Wilson, teríamos que “national self-determination is to produce democracy, and democracies are by definition peaceful” (WALTZ, 2001, p. 118). Essa ideia de democracia e uma correspondência quase imediata para com a paz, vem da ideia republicana de Kant, segundo quem, o povo decidindo sobre assuntos de guerra e de paz (essência do republicanismo), seria partidário desta última realidade, pois seriam eles que sofreriam com as lástimas da guerra.

Já a terceira imagem das relações internacionais lida com o sistema de Estados, e a inexistência de uma fonte de sanções legítimas aos Estados, ou seja, de um órgão *governamental* acima dos Estados; em outras palavras, a terceira imagem atribui os conflitos internacionais a uma causa que condiciona toda e qualquer ação internacional: a *anarquia* internacional. Nesse sentido, diz Waltz, que uma imagem sozinha não é capaz de compreender as causas dos conflitos internacionais. Contudo, há que se conceder uma maior importância para a terceira imagem: é ela a causa permissiva (*permissive cause*, no original) dos conflitos. Em outras palavras, os conflitos ocorrem porque são inevitáveis do ponto de vista do ambiente em que se inserem os Estados soberanos, que decidem por si mesmos. O ambiente internacional é um sistema de polos

de poder descentralizados, que decidem quais serão suas formas de agir. Dessa forma, as outras duas imagens das relações internacionais agiriam como causas eficientes (*efficiente cause*, no original) dos mesmos conflitos.

Teorias reducionistas e teorias sistêmicas

É principalmente aqui que percebemos a necessidade de, ao se estudar a teoria de política internacional de Waltz, conhecer sua teoria das imagens. Waltz se propõe em *Theory of international politics* a estabelecer uma teoria *sistêmica* das relações internacionais. Mas o que seria essa teoria sistêmica?

Antes de conhecê-la, é importante que se estabeleça seu parâmetro: as teorias reducionistas. Tais teorias são conhecidas a partir das partes de um todo: este todo, se concebido, o é como um simples resultado das partes que o compõem. Em tais termos, compreendendo-se uma teoria de política internacional, o sistema internacional, aqui, se chegar a ser concebido, sê-lo-á como uma simples resultante do comportamento dos Estados, o que, para Waltz, trata-se de behaviorismo: “the old realism is behavioral: good states produce good outcomes; bad states, bad ones” (WALTZ, 2004, p. 5). Nesse sentido, as ações pretendidas pelos Estados geram o sistema internacional, o que é inconcebível numa teoria sistêmica.

Waltz, ao conceber sua teoria sistêmica da política internacional prevê a existência de um sistema internacional, constituído por unidades que interagem (o que é comum entre ele e outros teóricos realistas) e também por uma *estrutura* internacional, o que é uma novidade em sua obra e nos estudos de política internacional. A estrutura é um meio de constrangimento, que faz com que as ações pretendidas por um Estado tenham consequências não imaginadas por ele, ou não pretendidas. De maneira simples: causas iguais podem gerar efeitos diferentes; causas diferentes, efeitos iguais. A estrutura compõe-se de princípios ordenadores das relações, ou seja, a *anarquia*; de unidades soberanas (e por “soberanas” entenda-se “autônomas”) e funcionalmente indiferenciadas (Waltz parte do pressuposto de que os Estados buscam a própria sobrevivência, transformando o sistema internacional num sistema do tipo “self-help”); e de capacidades que são distribuídas desigualmente entre os Estados, de forma que todos eles são submetidos às mesmas tarefas, mas apenas alguns a desempenham de maneira eficaz o suficiente para serem polos da estrutura. Dessa maneira, a estrutura define o sistema internacional como *unipolar*, *bipolar*, *multipolar*, de acordo com a

quantidade de polos que haja no sistema, e por polos entendemos unidades com grandes capacidades. A distribuição de tais capacidades é um atributo do sistema, e não das unidades, como se poderia supor.

Dessa maneira, temos, em sua: teorias reducionistas baseiam-se nas duas primeiras imagens das relações internacionais para se comporem, ignorando a existência de constrangimentos sistêmicos que levem os Estados a ter posturas mais calculadas; teorias baseadas na terceira imagem são sistêmicas, pois demonstram como algumas ações são condicionadas pelo sistema e por ele são distorcidas, gerando resultados que podem não ter sido os pretendidos pela unidade.

A teoria da política internacional

A teoria da política internacional de Waltz buscará, a partir da terceira imagem (em consonância, contudo, com as outras duas) causas permanentes e padrões de comportamento dos Estados. Ora, a partir de dois dos elementos formadores da estrutura do sistema internacional (a saber: a anarquia do sistema internacional e as unidades que buscam sua própria sobrevivência), Waltz estabelecerá e algumas bases científicas para lidar com um fenômeno que apresenta uma regularidade de lei (*law-like regularity*, no original) no sistema internacional: a balança de poder.

A balança de poder será o padrão de comportamento dos polos do sistema internacional, ou seja, aquelas unidades que consigam melhor desempenhar os papéis que a elas são dados – e é aqui que falamos de “unipolaridade”, “bipolaridade”, ou “multipolaridade”, pois esta estrutura depende do número de polos de poder que temos no sistema internacional. Havendo um sistema de organização do tipo *self-help*, isto é, aquele em que os Estados devem por si só buscar seus interesses e desempenhos de função, e uma ordem em que não haja órgão de autoridade legítima sobre os Estados, a balança de poder passa a ser o único meio de estabilização do sistema internacional, pois é ela que mantém, através de políticas de alinhamento e contenção, os Estados, principalmente as superpotências, num padrão de comportamento que não gere um estado de guerra constante. Em outras palavras: as superpotências do sistema internacional são os polos da estrutura de dito sistema, e os outros países, que não são superpotências, socializam-se por padrões que são aceitos naquela estrutura.

Nesse sentido, a estrutura pode passar por transformações apenas devido a uma razão: a distribuição das capacidades entre as unidades que a compõem. Dessa maneira, por exemplo, podemos considerar a Segunda Guerra Mundial como uma guerra de transformação de estrutura, pois o sistema internacional substituiu, a partir dela, uma estrutura multipolar (composta por França, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e União Soviética) para uma estrutura bipolar (Estados Unidos e União Soviética). Houve, dessa forma, uma redistribuição de capacidades na estrutura, que nos permite, segundo Waltz, pela primeira vez em trezentos anos de história, falar em um sistema mundial de estrutura bipolar.

Considerações finais

É interessante e notável o rigor com que Waltz trabalha sua teoria da política internacional, teoria esta em sintonia com sua categorização e sistematização presente em *Man, the state, and war*. Segundo Martin Griffiths, comentador da obra de Kenneth Waltz, “*Man, The State and War* was not only a superb exercise in the history of ideas on the causes of war between states – it also contained the germs of an idea that Waltz only fully developed a quarter of a century later” (GRIFFITHS, 1999, p. 46-47). O filósofo que Waltz elege como ícone para a terceira imagem é Rousseau, autor segundo o qual o sistema internacional (termo ainda não presente no horizonte teórico do filósofo, mas cujas ideias levam ao mesmo significado), por possuir diversos Estados que perseguem cada qual sua própria vontade geral, acaba sendo portador de diversas vontades particulares (cada uma correspondendo à vontade geral de um Estado específico). Nestes termos, o conflito se torna inevitável. O grande trabalho de Waltz, contudo, é chegar ao conceito de *estrutura*, dispositivo este que constrange determinadas ações dos Estados e que os leva à socialização de regras e à competição de acordo com estas. Sobre as outras duas imagens, e valendo-se do pensamento de Rousseau, diz Waltz que

The proposition that irrationality is the cause of all the world's troubles, in the sense that a world of perfectly rational men would know no disagreements and no conflicts, is, as Rousseau implies, as true as irrelevant. Since the world cannot be defined in terms of perception, the very real problem of how to achieve an approximation to harmony in cooperative and competitive activity is always with us and, lacking the possibility of perfection, it is a problem that cannot be solved by simply changing men (WALTZ, 2001, p. 170)

Para Rousseau, as guerras nascem das tentativas de paz (ROUSSEAU, 2002, p. 57). Para Waltz, isto é facilmente explicado por meio de um sistema competitivo do tipo

self-help e anárquico, em que as ações de cada unidade serão vistas por desconfiança pelas outras unidades. Nesses termos, emerge a balança de poder, que, de certa forma, estabiliza o sistema internacional. É interessante ver o resgate que Waltz faz de autores clássicos, trazendo-os para as discussões contemporâneas de teoria de relações internacionais e, a partir deles, desenvolver uma teoria que tenha, ao menos pretensamente, validade em diversos momentos da história, se considerarmos *unidades políticas* não apenas os Estados moderno-contemporâneos. Waltz, com sua teoria de política internacional, traz um forte e novo elemento para as discussões acerca das teorias de relações internacionais, que, não por outro motivo, inaugura aquilo que didaticamente chama-se terceiro debate das teorias de relações internacionais.

Referências Bibliográficas

GRIFFITHS, Martin. **Fifty Key thinkers in International Relations**. Londres: Routledge, 1999.

MORGENTHAU, Hans Joachim. Another “great debate”: the national interest of the United States. **The American Political Science Review**, V. 46, 1952, pp. 961-988.

ROUSSEAU, J. J. **Rousseau e as Relações Internacionais**, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002.

WALTZ, Kenneth Neal. **Man, the state, and war: a theoretical analysis**. New York: Columbia University Press, 2001.

_____. “Neorealism: Confusions and Criticisms”. **Journal of Politics and Society**, XV, 2004, pp. 2–6.

_____. **Theory of international politics**. New York: McGraham Hill, 1979.